ESCOLA
DE ARTES
VISUAIS DO
PARQUE LAGE

ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE
EDITAL RESIDÊNCIA NA FLORESTA

Eixo do mundo, morada dos deuses: diálogos sobre Antropofagia, Refluxos e Epistemicídios na floresta

Performance: Berço das Daninhas
Residentes:
Roberta Cunha Azevedo de Souza
Rosemeri Maria da Conceição
Curador responsável: André Sheik

Setembro de 2022

O Projeto

O projeto apresentado ao Edital de Residências da Floresta promovido pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage, em maio de 2022, se justificava como uma contribuição aos debates em curso sobre as interfaces arte e natureza.

Tomando como ponto de partida os saberes indígenas e afro diaspóricos que foram apagados durante o processo de constituição da identidade nacional, realizada sob a égide antropofagista, a proposta trazia fundamentação teórico-crítica que se coaduna com os referenciais da escritora e multi- artista Grada Kilomba expostos em Memórias da Plantação[1] para refletir sobre as relações que amarram conceitos como conhecimento, erudição e ciência diretamente à noção de epistemicídio.

Indo além, suas concepções buscavam incorporar a este debate as noções que definem o Antropoceno como um período na escala geológica em que as ações antrópicas impactaram a biosfera, de modo a alterar irreversivelmente os ciclos biogeoquímicos terrestres. Para sustentar estes atravessamentos transportaram os contributos de Bruno Latour[2] e La Cadena[3].
.
Para esta, em específico, o Antropoceno é principalmente, o resultado do projeto colonial, onde, seu potencial hegemônico visava destruir tudo aquilo que não fosse sua imagem e semelhança.

A partir desta abordagem, nas regiões hoje compreendidas como o Sul Global, o regime de extrativismo iniciado no período colonial trouxe práticas que foram marcadas pelas transformações ecológicas e mortes. Diversas populações tiveram que abandonar seus lares e modos de vida, para atender a uma noção de modernidade, levando ao epistemicídio e etnocídio, além do distanciamento dessas populações de seus etnosaberes. A adoção deste modelo colonial significou o estabelecimento de indissociação entre natureza, humanidade e o divino.

Quando deslocamos essa convicção para o terreno das artes e das estéticas, vemos a concretude do que é proposto por Walter Mignolo, outro pensador decolonial. A partir do seu ponto de vista tanto a arte como a estética surgem como uma ferramenta fundamental da Matriz Colonial de Poder: foi construída uma hierarquia na arte, a literatura, o teatro e ópera que, através das suas respectivas instituições (os museus, as escolas das belas artes, as casas de ópera, etc...) , administra os sentidos e molda as sensibilidades ao estabelecer as normas do

---

[1] Kilomba, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. São Paulo, Cobogó, 2019.
[2] Latour, B. (2014). Para distinguir amigos e inimigos no tempo do Antropoceno. Revista De Antropologia, 57(1), 11-31. https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2014.87702

[3] Cadena, M. de la. (2018). Natureza incomum: histórias do antropo-cego. Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros, (69), 95-117. https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i69p95-117

belo e do sublime, do que é arte e do que não é, do que será incluído e do que será excluído, do que será premiado e do que será ignorado[4].

Esses são elementos essenciais para serem pensados e debatidos em uma escola de Artes Visuais.

A Performance: Berço das Daninhas

Segundo a artista Roberta Azevedo a performance **Berço das Daninhas** se refere, em oposição, à expressão *nascer em berço de ouro*, sob o desígnio tradicional do vocabulário brasileiro, que aludiria ao fato de pessoa que nasceu em uma família rica (e branca) resultante de uma segurança social e financeira desde o nascimento.

Seu reverso pode ser encontrado em dilatada porção da sociedade brasileira, constituída majoritariamente pelas populações negra e indígena iindigena. Neste caso, significaria nascer sob insegurança social e financeira devido ao passado colonial e o histórico de políticas públicas excludentes que tinham como objetivo manter uma estrutura de privilégios e consequentemente de exclusão hereditária.

Quando olhamos para o meio ambiente, observamos que "ervas daninhas" são espécies vegetais que vem sendo historicamente designadas por termos pejorativos, que se baseiam na indesejabilidade em relação às atividades humanas ocidentais (e brancas), muitas delas, são nativas ou naturalizadas tem como caráter principal seu papel pioneiro, em ocupar espaços outrora desocupados, e além disso, muitas delas são espécies com grande importância na história da humanidade, sobretudo, pelo seu caráter alimentício, onde o desconhecimento que segue colocando-as em um lugar de desvalorização[5].

"Muitas plantas são denominadas "mato", "daninhas", "invasoras" e até "nocivas" por brotarem espontaneamente entre as plantas cultivadas ou em locais onde as pessoas acham que não podem ou não devem ocorrer"[6]. Malgrado a guerra declarada, elas seguem brotando nos cimentos, prédios e monoculturas.

Assim, cabe indagar: como não se interessar pela curiosa relação que essas espécies estabelecem com a sociedade ocidental moderna? Que continua exaustivamente a criar tecnologias para destruí-las. E elas sempre estão a renascer. Por outro lado, ao aproximar as nuances desse discurso, torna-se impossível, não traçar um panorama de semelhanças discursivas e simbólicas entre elas e corpes racializades. Usar como espelho a relação que a sociedade moderna tem com as ervas daninhas, é se não, um reflexo para tratar questões

---

[4] MIGNOLO, Walter Mignolo. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. RBCS Vol. 32, número 94, junho/2017. p. 11.

[5] Kinupp, V.F. and Lorenzi, H. (2014) Plantas alimentícias não convencionais (PANC) no Brasil: Guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas. Instituto Plantarum de estudos da Flora, São Paulo.

[6] Kinupp, V.F. and Lorenzi, H. op. cit. 13.

sociais e ambientais, que esses corpos estão submetidos, em ambos os casos, podemos parafrasear bell hooks[7]: “Nós nunca chegamos ou não podemos ficar”.

Recentemente agregamos a estas concepções as contribuições da pesquisadora Giovana Xavier, sobre a presença desta mesma expressão na literatura brasileira do século XIX.

Sob o título, *Ervas daninhas: as escravas traidoras* somos apresentados a diversas personagens sempre descritas pelos autores como uma ameaça à paz da família senhorial. A autora nos diz:

> A mulher escrava - figura corriqueira na paisagem carioca oitocentista - foi vista como foco de corrupção física e moral da família senhorial. Por isso, o criador de Lucinda alertava: "Oh! Pensem, meditem os pais, uma hora somente, nos perigos que ameaçam suas pobres filhas, condenadas, sujeitas à influência de mucamas escravas!!!" Pedro, Lucinda, Simplícia, Rosa. Ervas daninhas plantadas no ambiente senhorial. Cada um, à sua maneira, representou os dilemas e as contradições oriundas dos laços de intimidade construídos entre senhores e escravos no ambiente doméstico[8].

Outra referência sobre a qual temos nos embasado vem dos estudos da artista Laura Lydia[9] que se dedica a observar e recolher as espécies assim denominadas que brotam nos lugares improváveis. Do projeto ervas sp resultou o mapeamento de todas aquelas encontradas ao longo do viaduto Minhocão, fato registrado em fotos e desenhos. Posteriormente, na Estação da Luz, um levantamento de cerca de 60 espécies no quarteirão do Sesc Bom Retiro. Abaixo, vemos a artista em um desses trabalhos:

---

[7] hooks, bell. (2015). Mulheres negras: moldando a teoria feminista. Revista Brasileira De Ciência Política, (16), 193–210. Recuperado de https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/2237

[8] Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação/ Giovana Xavier, Juliana Barreto Farias, Flavio Gomes (orgs.). - São Paulo : Selo Negro, 2012. pp. 73-74.

[9] Disponível em: https://www.lauralydia.com/ervas-sp

Fonte: primeiras intervenções realizadas no Elevado Costa e Silva

Conforme enfatizado, a performance “berço de daninhas” tem como proposta resgatar o lugar histórico que a ancestralidade negra e indigena foi posta, assim como, seus saberes ancestrais acerca das plantas nativas ou naturalizadas. Aqui busca-se criar uma cama feita com folhas utilizadas nas culturas tradicionais, encontradas em um terreno baldio, comumente conhecidas como ervas daninhas, durante o trajeto de recolha dessas plantas nomes são evocados, a cada retirada de uma dessas plantas. O objetivo é suscitar essas experiências subjugadas pelo modelo ocidental para com corpes, saberes e natureza.

Nossa performance foi realizada no Parque Lage, no dia 18 de outubro. Contamos com a participação de 04 pessoas, 02 câmeras e 01 celular. Produzimos 51 arquivos de gravação que enfatizam o caráter do que objetivamos performar.

Nestas imagens, assim como no vídeo já produzido (em fase final de edição) a ação da protagonista busca, em meio ao cotidiano do Parque Lage, o passado simbólico de seus familiares, para que possa retomar memórias individuais, fazendo destas, as cartografias de

uma população que a exemplo das daninhas, teve suas identidades rechaçadas, excluídas e/ou apagadas.

Raimundo e Raimunda Cunha, Sônia Regina, José Pereira, Boldo, caruru, jambo rosa: faces de uma história contra hegemônica, busca de um discurso sobre si mesmo[10] que esta performance busca alcançar.

Seguem o link da primeira versão do vídeo e algumas imagens.

Link: https://youtu.be/67L7mUpieGM

[10] A ideia da produção de um discurso próprio como autonomia está presente em SOUZA, N. S. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. p. 17.